

Colóquio Internacional: **Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo**

6 a 10 de dezembro de 2011
Laboratório de Geografia Política
Departamento de Geografia - Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil

Geografia anarquista e anarquismo geográfico, geografia libertária e libertarismo geográfico: a excentricidade e a atualidade do pensamento de Élisée Reclus

Ms. José Vandério Cirqueira Pinto
Instituto Federal de Goiás - IFG

Resumo

Élisée Reclus contradiz a centralidade racionalista de sua época, situando toda sua obra entre a composição de um novo paradigma na geografia e o posicionamento excêntrico, dotado de criticismo libertário, contrário à geografia racionalista. A geografia universitária que o sucedeu negligenciou a sua contribuição, taxando-a de descritiva e órfã de objeto. Por sua vez, sua obra foi escamoteada e subsumida também pela geografia crítica radical, de base marxista, mesmo sabendo que ele foi o criador da geografia crítica social. Reclus criou um novo paradigma na geografia, a geografia anarquista, e também uma nova vertente no anarquismo, o anarquismo geográfico. O termo geografia libertária abarca melhor essa pluralidade teórica crítica, que recentemente vem acrescentando riqueza à geografia. O libertarismo geográfico, nascido da militância e do cientificismo de Reclus, hoje extrapola a ciência geográfica em si e chega a outros ramos do saber, diante da necessidade de afirmação das diferenças e da transformação do *status quo* pela via da ação direta no espaço.

Palavras-chave: Élisée Reclus. Geografia anarquista. Anarquismo geográfico. Geografia libertária. Libertarismo geográfico.

Introdução

A geografia desenvolvida por Élisée Reclus (1830 – 1905) foi comumente sintetizada como partícipe do momento tradicional do pensamento geográfico. Por sua vez, reduzir sua monumental geografia ao positivismo mecanicista é descaracterizar toda a diversidade temática e a grandeza epistemológica que sua obra detém.

A proposta central desse trabalho é demonstrar outra via de interpretação do pensamento de Reclus, elucidando seu caráter plurivocálico, demarcando a excentricidade e atualidade dessa geografia.

Contexto teórico e negligência do pensamento radical de Élisée Reclus

O contexto de produção intelectual em que Reclus se inseriu (1851¹ a 1905) é notadamente marcado por efervescentes quebras paradigmáticas nos campos: científico, político e social. A formação da geografia enquanto saber científico moderno foi fruto de avanços no plano teórico-metodológico do final do século XVIII e início do XIX, através da contribuição marcante de Forster e Kant.

O Século das Luzes sustenta a ideia central de universalidade da razão, tendo na primazia crítica o princípio fundador do racionalismo, constituindo assim, o saber científico através de sistemas explicativos, sendo a questão fundamental para a geografia, no caso de Kant e Forster, o método como elemento de concretude científica (GOMES, 2010). A definição da geografia como uma ciência independente, com um objeto de estudo único e um método próprio levou Schaefer (1953) denominar essa tradição kantiana, que será absorvida por Ritter e com maior intensidade em Hettner, de excepcionalismo geográfico.

O envolvimento de Kant com a geografia se deve a cosmologia transcendental, problemática filosófica que este propôs avançar, dimensionando os estudos da natureza e estética transcendental diante da geografia. As discursões em Kant sobre a estética surgiram após 1768 no seu *Observações Sobre o Belo e o Sublime*. “Mas na *Crítica da Razão Pura*, em 1781, a estética estará relacionada à sensibilidade e à possibilidade de se construir o conhecimento, fato que será radicalmente oposto na *Crítica da Faculdade do Juízo*, de 1791, em que a estética será associada à crítica do gosto” (VITTE, 2008, p. 58).

Com as críticas que Kant sofreu de Herder, foi possível avançar no caráter transcendental e menos racionalista na *Crítica da Faculdade do Juízo*, momento de amadurecimento dos estudos da natureza, pela via da noção orgânica, simbiótica e transfigurada. Conforme defende Claval (2006), Kant contribui com a estrutura moderna da

¹ Será considerado momento inaugural de produção intelectual de Reclus o ano de 1851, a partir do seu *Examen Religieux et Philosophique du Principe de L'autorité*. Apesar de curto, o trabalho demarca o primeiro posicionamento teórico de Reclus, o protestantismo, que se metamorfoseará até o final de sua vida em 1905, quando será adepto do anarquismo-comunista. Vale ressaltar que a primeira obra estritamente geográfica de Reclus, *La Terre: description des phénomènes de la vie du globe* foi publicada em 1869, muito embora o relato de viagem *Voyage à la Sierra-Nevada de Saint-Marthe: paysages de la nature tropicale* data de 1861, considerado pela crítica um escrito de cunho literário, mostrando assim a plurivocalidade geográfica de Reclus.

geografia, dando a ela a tarefa de explicar a especificidade de cada parte da Terra. Essa especificação da geografia lançará fulgores aos estudos descritivos da Terra, sendo conduzida até Humboldt (1769 – 1859), Ritter (1779 – 1859), Richthofen e Hettner (HARTSHORNE, 1991).

O contexto de efervescência intelectual de gênese da geografia moderna é marcado por uma ebulição teórica, no período que precede a Kant, chegando até Humboldt e Ritter. A cosmografia copernicana, a sistematização geográfica de Varenius, o mecanicismo newtoniano, a física de Leibniz compõem sustentação teórica à geografia física em Kant. Esse bojo teórico arremessado à frente chega ao rico contexto da *naturphilosophie*, do romantismo e idealismo alemão, culminando no evolucionismo, conforme destaca Vitte (2009). As consequências da Revolução Francesa, a consolidação dos Estados nacionais, o capitalismo liberal, o acirramento da problemática social no campo teórico abriram caminho para o amadurecimento da filosofia, que passou a investigar as relações entre homem e natureza pela via sistêmica, tendo como pano de fundo justificativas organicistas, e não estritamente teleológicas.

Vitte (2006) destaca o papel da *naturphilosophie* na consolidação da geografia física moderna, remontando, de forma vibrante, a riqueza epistemológica da geografia física, que é tida, equivocadamente, como sendo teoricamente escassa. Esse comportamento ideológico, alimentado no momento da geografia crítica marxista da segunda metade do século XX, tem consequências nefastas para a riqueza da geografia enquanto uma ciência que julgava ser responsável, num primeiro momento, pela descrição da Terra, e num segundo momento, pelo estudo da relação entre homem e o meio.

Os fundadores da geografia científica, Humboldt e Ritter, serão tomados pelo universo intelectual do final do século XVIII e início do XIX, na qual a crítica ao racionalismo pelo romantismo alemão e, conseqüentemente, a perspectiva idealista que perpassa por Herder (1774 – 1803), Schelling (1775 – 1854) e Goethe (1749 – 1832) foram decisivas sustentações teóricas na elaboração da geografia científica, sistêmica, com método voltado à descrição e diferenciação de áreas (VITTE, 2009).

São clarividentes as recentes argumentações de Vitte e de Moreira acerca da riqueza epistemológica da geografia, pois reabrem o leito filosófico anteriormente represado da geografia. Esse novo leito refere-se aos clássicos com a mesma acepção de Nietzsche

(1974), aquela de que devemos ler o que realmente os clássicos dizem, e ao mesmo tempo abrem-se as comportas de uma geografia que abraça filosofias que antes eram subsumidas. Nesse interim, Vitte (2009) e Moreira (2009) destacam o momento rico em que Humboldt e Ritter estavam envolvidos, no qual se conectavam de forma atenta e atualizada ao passado e aos seus contemporâneos, e ao mesmo tempo, lançaram as fontes de uma geografia do futuro, que ressoou profundamente em Reclus, Ratzel e em La Blache².

Humboldt (1855) e Ritter (1838) vão levar a Reclus a perspectiva geográfica do holismo, que será, a partir de Ratzel e com maior intensidade em La Blache, esquecida por aderirem ao caráter fragmentário da ciência moderna. A noção sistêmica de natureza, o processo evolutivo e de adaptação das espécies, a metodologia da escala geral para o particular de Humboldt (1855) são algumas das contribuições, como também, as interações sistêmicas entre fenômenos físicos e humanos, sobre análise da paisagem pelo método intuitivo descritivo.

A geografia de Reclus terá influência direta de seu professor Ritter (1838), que contribuiu através da sua perspectiva antropológica e social com o pensamento geográfico reclusiano, que até então estava embebido por noções estritamente naturalistas (ANDRADE, 1985). A metodologia comparativista da geografia de Ritter, os estudos regionais, a geografia política das nações, e a relação dinâmica empreendida pelos grupos humanos na alteração da natureza serão responsáveis pela fundamentação em *La Terre* e em *Nouvelle Géographie Universelle*. Ou, em “d’autres termes, c’est l’accord entre le peuple et la patrie, entre la place qu’occupe le peuple avec la nature comme avec la vie humaine, c’est l’accord de la physique avec la politique qui, dans l’histoire du monde, a toujours favorisé et avance le progrès des peuples e des états”³ (RITTER, 1838, p. 6). Embora discípulo declarado de Ritter, como Ratzel, Reclus se distanciará da visão teológica e organicista do mestre, destronando a geografia sobre base abstrata até ele construída, calcificando sua maturidade intelectual e originalidade libertária.

Ratzel (1844 – 1904), contemporâneo de Reclus (1830 – 1905), herdará de forma

² Vitte (2009) destaca, por exemplo, que as fontes do evolucionismo estão presentes em Humboldt, e chegaram a Darwin e Haeckel, e terá Ratzel como o principal nome dessa geografia evolucionista, que ultrapassa o romantismo e o idealismo.

³ “em outros termos, é o acordo entre o povo e a pátria, entre o lugar que o povo ocupa com a natureza dotada de vida humana, é o acordo da física com a política que, no decorrer da história do mundo, tem sempre favorecido o avanço e o progresso dos povos e dos Estados.”

mais evidente do que seu companheiro de turma a noção da geografia política de Ritter, a relação estreita entre solo e Estado, entre progresso da humanidade e o vínculo com a natureza. “L'organisation d'une société dépend étroitement de la nature de son sol, de sa situation; la connaissance de la nature physique du pays, de ses avantages et de ses inconvénients, ressortit donc à l'histoire politique. [...] Une politique vraiment pratique a toujours un point de départ en géographie”⁴. (RATZEL, 2003, p. 13). Reclus lançou mão dessa geografia política imperialista-colonialista, quebrando esse paradigma com a sua geografia política de cunho libertário.

Dessa forma, o que gerou efetivamente a negligência da geografia de Reclus, diante de seus contemporâneos, não fora a insuficiência teórica de seu pensamento, ao contrário, era uma geografia que mesclava eruditismo, vinculado às filosofias antecedentes, e por sua vez, era uma geografia voltada para o futuro, alinhada a mais recente teoria social crítica, direcionada à construção de uma sociedade igualitária, moderna e humana. Reclus participou ativamente das movimentações políticas de seu tempo, estando presente nas discussões das duas principais correntes teóricas radicais do século XIX, o anarquismo e o comunismo, que sofreram cisão, acompanhada por Reclus, na I Internacional.

É irônico notar que Reclus era o único geógrafo de formação, fruto dos ensinamentos de Ritter, estando entre um cientista natural (Ratzel) e um historiador (La Blache), mas obteve menor visibilidade do que seus pares. A sua obra foi acusada por La Blache de descritiva e sobrecarregada de noções políticas e sociais. La Blache tentou desviar a importância política e social que Reclus dava à geografia e também à forma como ele abordava a relação simbiótica entre homem e natureza⁵.

O que não foi aceito na geografia do século XIX, não foi aceito também até meados do século XX. Se a geografia estudava a relação entre sociedade e natureza, era evidente que diante do momento de intensos debates e embates políticos radicais, em busca da dissolução dos estados imperiais, da maior organização e distribuição de renda e garantia da liberdade humana, que ela fosse um campo científico considerado para pensar a ação

⁴ “A organização de uma sociedade depende estreitamente da natureza de seu solo, da sua situação; o conhecimento da natureza física de um país, as suas vantagens e desvantagens, impulsionam sua história política. Uma política verdadeiramente prática tem sempre um ponto de partida na geografia.”

⁵ Moreira (2009) chama esse processo de hominização do homem, porém vincula essa ontologia do espaço a Marx e não a Reclus. Essa ontologia se encontra presente em *La Terre*, e com maior teor, em *L'Homme et la Terre*.

política no espaço e a organização equitativa dos indivíduos. Reclus visualizou a necessidade de a geografia intervir na organização dos homens e do meio, pois era a ciência capaz de promover a ação direta e solavancar as forças políticas ameadas. Assim, foi inovador e pioneiro, descortinando uma geografia retrógrada, ultrapassada e conservadora, que vivia seus dias de glória, por ser o campo científico auxiliar do expansionismo e da colonização. Reclus almejava uma revolução no pensamento geográfico às avessas daquela que estava acontecendo. A excentricidade de seu pensamento repousa no embate contra essa racionalidade científica opressora.

A monumental obra negligenciada pelos contemporâneos ficará por muito tempo esquecida. Reclus foi uma voz, juntamente com Kropotkin, solitária dentro da geografia. Sua negligência perpassa a sua atualidade e chega aos dias de hoje. Nos manuais de história da geografia, ou considera-se Reclus partícipe da geografia tradicional positivista, ou como um personagem à parte da teoria do conhecimento, uma espécie de enclave. Por sua vez, não há referência a ele na geografia crítica, mesmo sabendo que *L'Homme et la Terre* é um tratado de geografia anarquista. Seu envolvimento com o anarquismo, e principalmente com o seu principal personagem, Bakunin, não será suficiente para que os geógrafos assumidamente radicais do século XX o lessem. Ao contrário, a polêmica de Bakunin e dele mesmo com Marx gerará certo desconforto para os geógrafos radicais marxistas, vinculando desmedidamente o pensamento de Bakunin ao geógrafo Reclus. Todos os teóricos com que Marx se envolveu em críticas passaram a ser desconsiderados pelos marxistas de forma unilateral, são os casos de Proudhon, Stirner, Feuerbach e Bakunin.

A geografia crítica francesa dos anos de 1970 tentou fazer um resgate da importância de Reclus para a geografia. Lacoste (1988) defende ser Reclus o primeiro grande geógrafo da França, em oposição à fama de La Blache. E ainda lamenta que vergonhosamente sua monumental obra seja esquecida na universidade, denunciando que a obra foi pilhada pelos universitários, sendo utilizadas numerosas passagens sem o devido reconhecimento, sob a patronagem de La Blache. Lacoste (1988, p. 129) destaca justamente o temor dos marxistas pelo anarquismo, e de suas atitudes enquanto reprodutores dos aparelhos ideológicos do Estado, pela via da geografia universitária, causando a ineficiência no entendimento e estudo da geograficidade reclusiana.

Sem dúvida, suas aspirações políticas são o sustentáculo de sua obra de geógrafo, mas esta última pode ser tomada como tal pelos universitários, para os quais a palavra anarquia amedronta; Reclus não fez, aliás, alusão a ela no *O homem e a terra*, como também não o fez na *Geografia universal*. Mas se é fácil fazer abstração das atividades militantes de Reclus, não é possível considerar sua geografia escamoteando o lugar considerável que ele dedica aos fenômenos políticos. E eu acredito que o silêncio que continua a ser feito na corporação dos geógrafos universitários sobre a obra de Reclus resulta, principalmente, hoje, da recusa em admitir a geograficidade dos fatos que advêm da política, mormente aqueles que traduzem o papel dos diferentes aparelhos de Estado.

Fora essa redescoberta de Lacoste, tendo como exemplo a publicação exclusiva da revista *Herodote* sobre Reclus, em 1976, a geografia crítica radical estadunidense, no período de 1970 a 1990, por exemplo, não o considerou como partícipe desse processo, mesmo sabendo que é paradoxal não veicular o criticismo radical de Reclus à geografia crítica radial. A partir da década de 1990 e principalmente nessa primeira década do século XXI, está ocorrendo uma maior retomada de Reclus, não efetivamente dentro da geografia, mas em áreas como sociologia, história, antropologia e até urbanismo, assunto que será tratado à frente.

Geografia anarquista e anarquismo geográfico. Geografia libertária e libertarismo geográfico

Ao longo da história da geografia há poucas referências ao anarquismo, e a principal delas advém de Reclus. O século XIX como um todo é plural, exemplo das divergências teóricas anti-canônicas que nele se efetivou, iniciando com o denominado socialismo utópico de Saint-Simon, Fourier e Owen (MARX e ENGELS, 1998), com o socialismo científico de Marx e Engels (MARX e ENGELS, 2007), com o anarquismo de Proudhon, Bakunin e Kropotkin (NETTLAU, 2008), com o terrorismo individual de Ravachol e Nietchaiev (MONTEIRO, 2010), e com o niilismo de Pisarev (CAMUS, 2003) e Nietzsche (NIETZSCHE, 2011).

Indubitavelmente, abordar geografia anarquista é evidenciar o pensamento de Reclus. Não há referências científicas de uma geografia anterior a de Reclus que se alinhou à perspectiva da organização espacial pela sociedade, almejando o fim do Estado, em busca de uma sociedade ácrata. O anarquismo de Reclus é, em essência, geográfico, e a sua geografia, conseqüentemente, é anarquista. Conforme aponta Creagh (2011), não há

efetivamente uma escola de geografia libertária, e sim um corpo embrionário de ideias, que Reclus foi pioneiro no desenvolvimento desse pensamento libertário no interior da geografia.

No caso de Kropotkin, colaborador de Reclus sobre a Sibéria na *Nouvelle Géographie Universelle*, foi um nome ímpar na sistematização e cientificação do pensamento anarquista, amadurecendo e ampliando o raio de atuação ácrata pela via do anarco-comunismo. Kropotkin não fez declaradamente geografia anarquista, produziu teorias ácratas que evidenciavam o papel da ação libertária da sociedade e dos indivíduos no espaço, sendo este o substrato de efetivação das lutas pela liberdade, o dividendo que promove o fim das desigualdades. Para Kropotkin (1989, p. 62), “la geografía debe ser, en primer lugar, un estudio de las leyes a que están sometidas las modificaciones de la superficie terrestre”.

Kropotkin e Reclus utilizaram a geografia como ciência que contribuiu para o anarquismo, mas é efetivamente em Reclus que se desenvolve uma geografia anarquista. De uma forma geral, refere-se a Reclus como geógrafo e anarquista, separadamente (DUNBAR, 1989, ANDRADE, 1985, NETTLAU, 2008, entre outros), apagando a sua importância como geógrafo anarquista. Os trabalhos de Lacoste (1988, 2005), Giblin (2005b), Clark and Martin (2004), Duarte (2006), entre outros, abordam a importância de Reclus enquanto geógrafo anarquista.

Como geógrafo, Reclus foi militante anarquista e pensou o anarquismo através da geografia. A sua geografia era o resultado simbiótico entre homem e natureza. O processo de hominização do homem pela interação com o meio. Se o homem é natureza adquirindo autonomia (RECLUS, 2010a, 1866), uma sociedade livre só é possível pelo entendimento dos mecanismos de funcionamento dessa relação simbiótica. Para que se chegue à autonomia total dos indivíduos e dos grupos sociais, é necessário que estes saibam pensar o espaço que eles modelam. “Reclus utilise les connaissances géographiques pour démontrer que l’idéal anarchiste “du pain pour tous” est parfaitement possible puisque les ressources sont largement en suffisance et que seule leur inégale et injuste répartition explique la misère du plus grand nombre”⁶ (GIBLIN, 2005b, p. 21).

Por sua vez, a geografia de Reclus não nasceu anarquista. Primeiramente, havia uma geografia libertária, ou seja, uma forma de pensar a transformação da natureza pela

⁶ “Reclus utiliza os conhecimentos geográficos para demonstrar que o ideal anarquista ‘do pão para todos’ é perfeitamente possível, porque os recursos são amplamente suficientes, e que somente a desigual e injusta repartição explica tão grande número de miséria.”

sociedade na busca pela liberdade. Não ocorreu abertamente sustentação teórica do anarquismo, devido às censuras. É o caso da obra *La Terre*.

C'est grâce à cette forte éducation que le sentiment de la nature se développera dans toute sa grandeur. Il se pervertit par la routine et par la servitude; c'est par la connaissance et par la liberté qu'il renaît. [...] Toutefois, si la science nous montre dans l'avenir l'image du globe transfigure, ce n'est point elle seule que pourra terminer la grande œuvre. Aux progrès en connaissance doivent correspondre les progrès moraux. [...] Les traits de la planète n'auront point leur complète harmonie tant que les hommes ne seront pas unis en un concert de justice et de paix. Pour devenir vraiment belle, la "mère bienfaitrice" attend que ses fils se soient embrassés en frères et qu'ils aient enfin conclu la grande fédération des peuples libres⁷ (RECLUS, 1869, p. 756 - 757).

A editora Hachette inibia a exposição de guinadas anarquistas nas obras de Reclus, fazendo com que ele desenvolvesse uma geografia de cunho libertário nas entrelinhas. A Hachette recusou publicar sua última obra, *L'Homme et La Terre*, pois era dotada de um anarquismo geográfico explícito. Dessa forma, a geografia libertária é aquela que, de uma forma geral, aborda a necessidade de uma sociedade justa e igualitária, não assumindo concepções militantes explícitas do anarquismo, como a abolição da propriedade privada, o fim do Estado, o fim dos partidos políticos, a instauração de comunidades ácratas etc. Posteriormente à *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus publica os primeiros volumes de *L'Homme et La Terre*, em 1905, sendo o restante publicado após sua morte, até 1908.

Mas antes dessa obra, seus escritos eram marcados pelo ideal libertário, em decorrência do momento fervoroso que viveu em contato com Bakunin e Kropotkin, amigos pessoais. Seu envolvimento com a Comuna de Paris, em 1871, rendeu-lhe a prisão, na qual escreveu *A Evolução, a Revolução e o Ideal Anarquista* (RECLUS, 2002), texto que destaca o papel da evolução para uma efetiva revolução, comparando os elementos geográficos naturais com as forças sociais revolucionárias. Ataca frontalmente o ideal de Estado e de patriotismo, fomentador da servidão, do ódio e dos privilégios, evidenciando o anarquismo como a forma de se chegar à nação humana livre. Deixa claro o seu anarquismo geográfico,

⁷ É graças a consolidada educação que o sentimento de natureza se desenvolve em toda a sua grandeza. Ele se perverteu pela rota da servidão; mas é pelo conhecimento e pela liberdade que ele renasce. [...] Todavia, se a ciência nos mostra o futuro da imagem do globo transfigurada, este não é o ponto somente dela poder terminar a grande obra. O progresso no conhecimento deve corresponder ao progresso moral. [...] A fisionomia do planeta não está dotada de pontos com completa harmonia em decorrência dos homens não serem unidos por um concerto de justiça e de paz. Para tornar-se concretamente verdadeiro, a "mãe benfeitora" espera que seus filhos harmonizem com os irmãos e que em fim eles tenham concluído a grande federação dos povos livres.

que se vincula ao fim dos autoritarismos e das ideologias republicanas, tendo na sociedade organizada libertariamente a noção de alteração do espaço e da própria condição existencial (RELCUS, 2010b). É na busca consciente e ativa da liberdade individual e coletiva dos sujeitos no espaço que se constrói o processo de revolução, no qual a evolução é produto síntese do envolvimento dos homens com os lugares mutuamente.

Em comparação com este movimento universal, o que foi convenicionado chamar de patriotismo não é senão uma regressão sob todos os pontos de vista. É preciso ser ingênuo entre os ingênuos para ignorar que os “catecismos do cidadão” pregam o amor pela pátria para servir o conjunto dos interesses e dos privilégios da classe dirigente, e que eles procuram manter, em proveito dessa classe, o ódio, de fronteira a fronteira, entre os fracos e os deserdados. Sob a palavra patriotismo e sob os comentários modernos com que a cercam, disfarçam as velhas práticas de obediência servil à vontade de um chefe, a completa abdicação do indivíduo diante das pessoas que detêm o poder e querem servir-se de toda a nação como de uma força cega. [...] Nossa paz futura não deve nascer da dominação incontestável de uns, e da escravização sem esperança dos outros, mas da boa e franca igualdade entre companheiros (RECLUS, 2002, p. 64 – 65).

No que consiste efetivamente a geografia anarquista de Reclus é o que ele denomina de geografia social. Apesar de ter sido criticado por La Blache em adensar os estudos geográficos com o caráter social, político e histórico, Reclus estava indo além de seu tempo, lançando para o futuro a geografia de base crítica radical. Abordou a noção de reprodução do espaço como produto das lutas de classe, a necessidade de organização espacial pelo equilíbrio econômico, e os lugares como sendo formas livres das ações autônomas do indivíduo. Unindo geografia com história (RECLUS, 2010a), tema posteriormente efetivado por Santos (1978), Reclus trouxe à tona a dinâmica para a geografia, através da geograficidade.

A “luta de classes”, a procura do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, tais são as três ordens de fato que nos revela o estudo da *geografia social* e que, no caos das coisas, se mostram bastante constantes para que se possa dar-lhes o nome de “leis”. Já é muito conhecê-las e poder dirigir, segundo elas, sua própria conduta e sua parte de ação na gerência comum da sociedade, em harmonia com as influências do meio, conhecidas e analisadas a seguir. É a observação da Terra que nos explica os acontecimentos da História, e estas nos leva, por sua vez, a um estudo mais aprofundado do planeta, a uma solidariedade mais consciente de nosso indivíduo, ao mesmo tempo tão pequeno e tão grande, como o imenso universo (RECLUS, 2010e, p. 49 - 50).

Dando margem a uma geografia de base anarquista, tem-se Reclus como um

protagonista do pensamento crítico-social da geografia, que ao mesmo tempo não fragmenta o saber pela oposição entre geografia física e humana, não dualizando o pensamento em espaço-temporal. No conjunto natureza e sociedade, espaço e tempo, forma-se um discurso abrangente da geografia, que tem a epistemologia anarquista como sustentação teórica da geograficidade.

No movimento de devir que lança a forma geográfica anarquista, simultaneamente, reproduz um anarquismo geográfico. O anarquismo, que nasceu individualista com Godwin, Stirner e Armand (2007); foi coletivista com Proudhon e Bakunin (NETTLAU, 2008); foi terrorista com Ravachol (MONTEIRO, 2010); foi sindical com Malatesta; e por fim, comunista, com Kropotkin e Reclus (ARVON, 1951). O acabamento mais complexo do anarquismo, até a primeira metade do século XX, é o anarco-comunismo, que segundo Nettlau (2008), tem Malatesta, Kropotkin e Reclus como seus principais elaboradores. Conforme desconstrói Reclus e Kropotkin, o comunismo não é uma forma recente e futura advinda da teorização de Marx, é a organização social que reside na base das sociedades opressoras, resistindo ao feudalismo e ao capitalismo industrial, momento em que foi abolido devido à complexa divisão territorial do trabalho. A síntese das sociedades ácratas, defende Reclus, está no comunitarismo de ontem, e serão os agrupamentos sociais libertários do futuro.

Estamos diante da dissolução da antiga forma comunal de propriedade, que aqui e ali desaparece dentro do desenvolvimento da forma privada. [...] Um profundo conflito então se instala: a instituição da propriedade privada muda as formas comunitárias de relação do homem com a terra, [...]. O surgimento da indústria acentua e generaliza esse processo em escala de mundo [...], e assim ocorre a substituição das paisagens naturais pela das atividades de mercado, desalojando plantas e homens de seus nichos geográficos para pôr no seu lugar suas formas de ocupação do espaço (MOREIRA, 2008, p 58).

Ao buscar a elaboração do anarquismo, que vincula a relação livre entre comunidade e recursos naturais, Reclus promove uma nova forma de pensar o anarquismo, pela via da geografia, pois dá um caráter dinâmico (histórico) à atuação das sociedades na produção do espaço. O anarquismo somente como fonte das lutas históricas da sociedade, presente em Bakunin, será enriquecido pela via geográfica de Reclus e Kropotkin. A terra é palco das lutas sociais, e é o produto de transformação das sociedades, no devir libertário comunitarista. O anarquismo é geográfico na medida em que pensa a transformação social e individual através da organização dos entes no espaço. O substrato, o alimento que nutre a busca do

acratismo, reside na natureza e no espaço produzido pela ação autônoma dos indivíduos. Se “as práticas sociais se tornaram mais ou menos confusamente multiescalares” (LACOSTE, 1988, p. 49), isso explica que uma sociedade anarquista reside sobre o substrato espacial multiescalar organizado libertariamente. O “saber pensar o espaço para saber nele se organizar, para saber ali combater” (LACOSTE, 1988, p. 189) tem em Reclus sua fonte cristalina da geografia anarquista e do anarquismo geográfico, efervescendo vividamente como a erupção vulcânica.

A gênese da geografia crítica, que direciona caminhos de autonomia e organização equitativa do espaço, está nas concepções reclusianas. Portanto, toda a geografia de Reclus, dos seus relatos de viagens de meados do século XIX até a geografia anarquista do início do século XX, é libertária. As riquezas escalar, analítica, holista, política e literária formam a plurivocalidade geográfica reclusiana. Indicam, assim, o libertarismo no pensamento geográfico. Toda a geografia que contesta, denuncia e busca a alteração da organização desigual do espaço é em essência libertária. Por sua vez, Reclus foi o precursor desse estilo de fazer geografia, negando seu tempo e sua forma de fazer ciência. Incumbiu o caráter político, social, ambiental, educacional e subjetivo numa geografia que era orgânica e mecanicista, europocêntrica e canônica, atrelada ao imperialismo e ao colonialismo.

A excentricidade de se fazer geografia em meio ao seu auge enquanto ciência a serviço dos Estados imperiais demonstra a potência sísmica do pensamento reclusiano, explicando os motivos dele ter sido amiudado e escondido. Mas como um movimento sísmico que denota forte embate entre as placas tectônicas, reproduzindo cataclismos, e criativamente recriando novas superfícies através de erupções vulcânicas, a geografia libertária reclusiana reaparece no século XXI, por outras vozes científicas, como a antropologia, história, urbanismo, ambientalismo etc.

De uma geografia libertária chega-se ao libertarismo geográfico, tema ainda pouco vivificado pelos geógrafos. As novas lutas políticas, minorias, excentricidades teóricas, micropolíticas etc. são sustentadas pela via geográfica. A desterritorialização (HAESBAERT, 2004), as cartografias do desejo (GUATTARI e ROLNIK, 1996), os desencaixes espaciais, as dissidências geográficas (BLANT and WILLS, 2000), as zonas autônomas provisórias (ZAPs) etc. (SOBREIRA, 2009) são teorias libertárias que se sustentam no plano espacial. A geografia libertária encontra-se no passado, nos textos de Reclus, e conecta-se com o

presente e futuro, dotada de diversidade temática presente na atual geografia pós-funcionalista, utilizando a terminologia de Claval (2002). Dessa forma, o pensamento contestador libertário de diversos ramos do saber científico permeia pelas categorias da geografia, vivificando e externalizando o saber geográfico, por isso denominado libertarismo geográfico. Este está voltado a temários libertários que se vincula a novas cotas de liberdade, conquistadas pela ação no espaço, nos lugares e nas multiterritorialidades.

A excentricidade e a atualidade do pensamento de Élisée Reclus

Anteriormente negligenciada, a geografia reclusiana recria-se no presente. Novas antípodas teóricas se elevam às novas canonizações intelectuais. Embora o criticismo da década de 1970 calcificou-se em recriações ortodoxas do presente (CUSSET, 2008), no século XXI, ensejam-se correntes teóricas e ações políticas de cunho libertário. O respeito ao caráter individual, sexual, étnico, religioso, entre outros, perpassa por questões de ordem territorial, regional, local e escalar, perpassa também pelas redes informacionais, pela integração e desterritorialização, temário geográfico ainda pouco difundido como campo do saber geográfico pós-funcionalista. Novamente Reclus é negligenciado, agora de outra forma, pela noção de genealogista dos atuais temários geográficos.

Antes de adentrar nos temários, é importante destacar a excentricidade e atualidade do pensamento reclusiano. Na história do pensamento geográfico, Reclus é um enclave epistemológico, uma anacronia. É o pioneiro antípoda da forma como era conduzida epistemologicamente essa ciência. Negou o mecanicismo na geografia sem negá-la. Quebrou paradigmas, mas direcionou a geografia para o futuro, ao contrário do que aconteceu com a geografia na sua fase quantitativa. Toda a defasagem epistêmica que esse campo do saber teve até os idos de 1970, adquirindo o materialismo histórico e dialético pela digestão teórica que Lefebvre realizou de Marx, foi alimentada após os esforços de Reclus em conceber uma nova forma de geografia, a geografia social.

Contudo, utilizar abordagem tida como anti-doutrinária, ou abordagem política/social divergente em voga, é ser um geógrafo de exceção, na conceituação de Giblin (2005b), ou melhor, é ser um geógrafo excêntrico. A excentricidade reclusiana reside no fato de estar à margem da centralidade teórica que a geografia vivenciava, em momento de grande vigor

prático e ideológico. Reclus via a geografia como metáfora da liberdade (RUIZ, 1999). Margear seu tempo não é estar excluído, e sim acreditar em um modelo inverso, aquele feito pelos outros, pelo fora, pelo distante, pelo anti-mecânico. A geografia devia estar além das academias, devia ser inteligível e vivificada.

Mas, com ou sem escolas, toda grande conquista da ciência acaba por entrar no domínio público. Os cientistas deverão fazer, durante longos séculos, o trabalho de pesquisas e hipóteses, devem debater-se em meio a erros e falsidades; mas quando a verdade é enfim conhecida, amiúde apesar deles, graças a alguns audaciosos vilipendiados, ela se revela em todo o seu esplendor, simples e clara. Todos a compreendem sem esforço; parece como se a tivessem sempre conhecido (RECLUS, 2002, p. 109).

Reclus buscou uma forma libertária, politizada e dinâmica de se fazer ciência. Não retira o crédito do saber científico, mas deve ser realizado sem exclusivismo. O caráter social reclusiano vai além da concepção coletivista produtiva presente na leitura estruturalista marxista, concebe a liberdade individual como a base da sociedade, o local que faz o global. Assim como ocorreu com Reclus e com outros anarquistas, com Onfray (2001) não é diferente, pois ele defende um novo anarquismo, dotado de hedonismo, almeja a revolta e uma nova forma política nos moldes dos micropoderes, enfatiza as ações das minorias e das lutas por gênero. Essa metodologia libertária sempre foi utilizada no interior do anarquismo, que tem como fonte principal Stirner (2004). O diferencial da atual política libertária é ter incumbido o caráter geográfico. O libertarismo geográfico de então é delineado por diversas vias de atuação, e Reclus já havia antecipado algumas delas.

Apesar de excêntrica, a geografia libertária reclusiana é atual. A partir dela, obtém-se a perspectiva crítica radical da geografia, a noção social, política e individual dos sujeitos no espaço, como também, a noção socioambiental. O debate da reestruturação capitalista industrial, até então timidamente abordado por Ratzel e La Blache, e principalmente, a temática da geografia política, da geograficidade, do desenvolvimento desigual e combinado, da poluição, do desmatamento, dos impactos ambientais, como o debate geopolítico dos países colonizadores e colonizados, confirmam a atualidade excêntrica do pensamento de Reclus. Apesar de ambígua sua posição acerca da colonização, segundo defende Giblin (2005a, p. 136), Reclus é contrário à dominação que se estabelece com as colônias de exploração. “Logiquement, Reclus se doit d’être hostile à toute domination quelle qu’en soit la

nature”.⁸ Paradoxalmente, defende a colonização de povoamento. A partir dessa ambiguidade do processo colonizador ele passou argumentar sobre o papel nefasto da geografia colonial.

A excentricidade do pensamento reclusiano não se deve exclusivamente à radicalidade política, também refere-se à plurivocalidade temática. O temário, em sua extensa obra, traz à tona a atualidade da sua geografia libertária. Uma geografia que perpassa por guinadas literárias, comparativismo natural e social, concepções da filosofia natural, do campo político ácrata, adentrando na geograficidade das sociedades comunitárias etc.

La conception que Reclus a implicitement de la géographie est donc très large puisqu’il affirme, par sa démarche, le caractère géographique – la géographicit  – de toutes sortes de phénomènes. En cela, Élisée Reclus se distingue du très grand nombre de géographes universitaires qui, depuis la fin du XIXe siècle et tout récemment encore, n’ont pris en compte que des catégories peu nombreuses de phénomènes, ceux qu’ils estiment géographiques, sans trop savoir pourquoi ils en excluent d’autres. Par contre, de façon empirique, car il ne théorise pas sur cela, Reclus a une très large conception de la *g ographicit *. Il parle des phénomènes de toutes sortes, par ailleurs classés comme géologiques, climatiques, économiques ou politiques, qui lui paraissent importants pour décrire et expliquer une situation géographique ou les principales caractéristiques d’un pays⁹ (LACOSTE, 2005, p. 30).

Lacoste foi um dos geógrafos que mais se preocupou em evidenciar a diversidade e atualidade do pensamento de Reclus. Quis coloc -lo n o como um simples personagem estereotipado da teoria geográfica, mas como protagonista de sua época. Buscou, a partir dessa noção, demonstrar também a atualidade de Reclus na epistemologia geográfica. Seu pensamento   fundador e transgressor, por isso excêntrico, e por isso, contemporâneo. O temário reclusiano pode ser demarcado através da noção socioambiental, tão em voga

⁸ “Logicamente, Reclus se posiciona hostilmente a toda dominação, qualquer que seja sua natureza.”

⁹ “A concepção implícita que Reclus tem da geografia é muito extensa, pois afirma, ao longo do seu percurso, uma característica geográfica – a geograficidade – de todas as espécies de fen menos. Com isso, Élisée Reclus se distingue de um grande número de geógrafos universitários que, depois do fim do século XIX e ainda recentemente, não têm dado conta das categorias pouco numerosas de fen menos, aquelas que eles estimam ser geográficas, sem saber por que eles excluem-nas das outras. Pelo contrário, de modo empírico, pois ele jamais teorizou sobre isso, Reclus tem uma imensa concepção de geograficidade. Ele fala de todas as espécies de fen menos, de outras áreas como as abordagens geológicas, climáticas, econ micas ou políticas, dando importância para a descrição e explicação de uma situação geográfica ou das principais características de um país.”

(MENDONÇA, 2002), que ainda no século XIX foi destacado com coerente categoria. Sua perspectiva socioambiental é politizada, garantida pela noção sistêmica do libertarismo geográfico, que sente a fonte da problemática ambiental no modo de vida empreendido pelo capitalismo.

Les développements de l'humanité se lient de la manière la plus intime avec la nature environnante. Une harmonie secrète s'établit entre la terre et les peuples qu'elle nourrit, et quand les sociétés imprudents se permettent de porter la main sur ce qui fait la beauté de leur domaine, elles finissent toujours par s'en repentir¹⁰ (RECLUS, 1866, p. 13).

O anarco-ambientalismo ou ambientalismo anarquista de hoje tem caráter baseado na citada harmonia entre a terra e os homens de Reclus. Outro temário muito presente em Reclus (2010f) é a geografia urbana voltada à lógica da segregação e da dinâmica ambiental. Zárte (2004) demonstra a influência que Reclus exerceu em Geddes, principalmente nos seus estudos sobre a evolução urbana, a conurbação e o modelo de cidade-jardins, síntese de uma cidade ácrata e equilibrada, uma espécie de anarco-urbanismo. Para Geddes (1994, p. 58), devemos “[...] afastarmo-nos dessas visões de numerosíssimas e fervilhantes conurbações, em busca de um tipo mais simples, mais saudável e mais feliz de desenvolvimento e integração social”.

Outro temário reclusiano presente na atualidade é a geografia política. Vincula-se a atuação do Estado ao papel de ente repressor da sociedade no território. “Um conquistador passa, demarcando as fronteiras, e, de repente, os súditos, por causa da autoridade, têm de modificar seus sentimentos, orientar-se para um novo sol” (RECLUS, 2010d, p. 19). A questão da geografia política se estende também à questão da América do Sul, abordando suas guerras e projetos conflitantes de instauração e manutenção dos Estados nacionais (RECLUS, 2010c).

A riqueza da diversidade temática reclusiana liga-se com a atualidade. Blant and Wills (2000) e Zusman (2002) argumentam sobre as geografias dissidentes. Essa terminologia equipara-se ao que foi denominado de geografia libertária. Porém, as dissidências geográficas englobam todo conjunto militante contemporâneo de geografias vinculadas à

¹⁰ “Os desenvolvimentos da humanidade vinculam da maneira mais íntima com a natureza circunvizinha. Uma harmonia secreta se estabelece entre a terra e os povos que ela nutre e, quando as sociedades imprudentes permitem trazer a mão sobre esta que faz a beleza de seu domínio, elas findam-se sempre por arrependimento.”

esquerda e seus diversos meandros. No caso das geografias libertárias, elas englobam as contracorrentes vinculadas ao anarquismo, evidenciando no seu bojo as geografias dissidentes. Por sua vez, o caráter libertário dá o tom, com escala de atuação direcionada ao conjunto recente de orientação política não arregimentada somente pelo marxismo, estando além desse projeto ideológico.

O legado de Reclus em busca da liberdade a qualquer custo está presente no libertarismo geográfico de hoje, caso da perspectiva da autonomia (CASTORIADIS, 1982), caso das geografias dissidentes, das geografias pós-coloniais (BLUNT and MECWAN, 2002), da geografia anarco-ambiental (ZÁRATE, 2004), do moderno pensamento geográfico de Peet (1998), que desenvolve um itinerário das diversas correntes do pensamento geográfico, traçando um perfil temporal, no qual destaca o determinismo ambiental, a geografia regional e a geografia cultural como os principais troncos epistemológicos da geografia tradicional, que se reproduz em diversos campos do saber atual, como por exemplo: a geografia quantitativa, geografia marxista e estruturalista, a geografia feminista (pós-estruturalista) e a geografia pós-moderna.

Conclusão

Recorrer de forma atenta à monumental obra de Reclus, sob o prisma de abordar fontes da nova geografia, é tarefa indispensável para trazer à tona diversidade temática que as outras ciências sociais já estão realizando. Pensar o espaço pela noção libertária é abrir campo para um indelével movimento de emancipação dos indivíduos, possível pela multiplicidade política da contemporaneidade, contrabalançada pela plurivocalidade dos sujeitos autônomos no espaço.

Referências

- ANDRADE, M. C. de. **Élisée Reclus**. São Paulo: Ática, 1985.
- ARMAND, E. **El anarquismo individualista**. Lo que és, puede y vale (seguido de *El stirnerismo*). La Plata: Terramar, 2007.
- BLUNT, A. and MCEWAN, C. **Postcolonial geographies**. New York: Continuum, 2002.
- BLUNT; A. and WILLS; J. **Dissident Geographies: an introduction to radical ideas and practices**. Edimburgo: Person Education Limited, 2000.
- CAMUS, A. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CLARK, J. R. and MARTIN, K. **Anarchy, geography, modernity**. The radical social thought of Élisée Reclus. London: Oxford, 2004.
- CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In.: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed.UFPR, 2002.
- CLAVAL, P. **História da Geografia**. Lisboa: Edições 70, 2006.
- CREAGH, R. **Élisée Reclus e a geografia das liberdades**. São Paulo: Imaginário, 2011.
- CUSSET, F. **Filosofia francesa**. A influência de Foucault, Derrida, Deleuze e Cia. Porto Alegre: Artmed, 2008.
- DHURAN, G. **Élisée Reclus, geógrafo y anarquista**. Barcelona: Oikos-Tau, 1989.
- DUARTE, R. H. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Élisée Reclus. **Revista Brasileira de História**. V. 26, nº 51. São Paulo: Associação Nacional de História, 2006, p. 11 – 24.
- GEDDES, P. **Cidades em evolução**. Campinas: Papirus, 1994.
- GIBLIN, B. Élisée Reclus et les colonisations. **Hérodote**. nº. 117, 2º trimestre. Paris: La Découverte, 2005a, p. 135 – 152.
- GIBLIN, B. Élisée Reclus: un géographe d'exception. **Hérodote**. nº. 117, 2º trimestre. Paris: La Découverte, 2005b, p. 11 – 28.
- GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.
- GUATARRI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HARTSHORNE, R. El concepto de geografia como ciência del espacio: de Kant y Humboldt a Hettner. **Documents d'Análisi Geográfica**. Buenos Aires. 18. 1991, p. 31 – 54.
- HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**. Do fim dos territórios à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- KROPOTKIN, P. **Lo que debe ser la geografía**. Barcelona: Oikos-Tau, 1989.
- LACOSTE, Y. **A geografia, isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

- LACOSTE, Y. Élisée Reclus, une très large conception de la géographicit  et une bienveillante g opolitique. **Hérodote**. n . 117, 2  trimestre. Paris: La Découverte, 2005, p. 29 - 52.
- MARX, K. e ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo, 1998.
- MENDONÇA, F. Geografia socioambiental. In.: MENDONÇA, F. e KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed.UFPR, 2002.
- MONTEIRO, F. P. **O niislimo social**. Anarquistas e terroristas no século XIX. São Paulo: Annablume, 2010.
- MOREIRA, R. **O pensamento geográfico brasileiro**. V. 1. As matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.
- MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?** Por uma epistemologia crítica. São Paulo: Contexto, 2009.
- NETTLAU, M. **História da anarquia**: das suas origens ao anarco-comunismo. São Paulo: Hedra, 2008.
- NIETZSCHE, F. **Considera es extemporâneas**. Shopenhauer como educador. São Paulo: Abril Cultural, 1974.
- NIETZSCHE, F. **Vontade de poder**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011.
- ONFRAY, M. **A política do rebelde**. Tratado de resistência e insubmissão. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- PEET, R. **Modern geographical thought**. London: Oxford, 1998.
- RATZEL, F. Le sol, la société et l' tat. **Revue L'Anne Sociologique**. Québec: Universit  Laval de Québec, 2003, p. 1 – 16.
- RECLUS, E. **A evolu o, a revolu o e o ideal anarquista**. São Paulo: Imaginário, 2002.
- RECLUS, E. **Da a o humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Imaginário, 2010a.
- RECLUS, E. **O homem e a Terra**. A cultura e a propriedade. São Paulo: Imaginário, 2010b.
- RECLUS, E. **O homem e a Terra**. As repúblicas da América do Sul. Suas guerras e seu projeto de federa o. São Paulo: Imaginário, 2010c.
- RECLUS, E. **O homem e a Terra**. O Estado moderno. São Paulo: Imaginário, 2010d.
- RECLUS, E. Prefácio de O homem e a Terra (Tomo I). In.: RECLUS, E. **Da a o humana na geografia física. Geografia comparada no espaço e no tempo**. São Paulo: Imaginário, 2010e.
- RECLUS, E. **Renova o de uma cidade, reparti o dos homens**. São Paulo: Imaginário, 2010f.

- RUIZ, F. G. **La geografía como metáfora de la libertad**. México, DF: Plaza y Valdéz, 1999.
- SCHAEFER, F. K. Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination. **Annals of the Association of American Geographers**, Vol. 43, No. 3. 1953, p. 226-249.
- SANTOS, M. **Por uma geografia nova**. São Paulo: Hucitec, 1978.
- SOBREIRA, A. E. G. **Pedagogia anarquista e ensino de geografia**: conquistando cotas de liberdade. Tese (doutorado em geografia). Presidente Prudente: Unesp, Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2009, 358 f.
- STIRNER, M. **O único e a sua propriedade**. Lisboa: Antígona, 2004.
- VITTE, L. C. A terceira crítica kantiana e sua influência no moderno conceito de geografia física. **GEOUSP - Espaço e Tempo**. nº 19. São Paulo: USP, 2006, p. 33 – 52.
- VITTE, L. C. As influências da filosofia natural e da naturphilosophie na contribuição do darwinismo: elementos para uma filosofia da geografia física moderna. **Boletim Goiano de Geografia**. Instituto de Estudos Sócio-Ambientais (IESA). V. 29, n. 1, jan./jun. Goiânia: UFG, 2009, p. 13 – 32.
- VITTE, L. C. Influências da filosofia kantiana na gênese da geografia física. **Mercator - Revista de Geografia da UFC**, ano 07, número 14. Fortaleza: UFC, 2008, p. 57 – 66.
- ZÁRATE, M. **Urbanismo ambiental alternativo**. Selección de textos teóricos y propuesta. Barcelona: UPC, 2004.
- ZUSMAN, P. Geografías disidentes. Caminos y controversias. **Documents d'Análisi Geogràfica**. Buenos Aires. 40. 2002, p. 23 – 44.

Documentação

- HUMBOLDT, A. de. **Cosmos**: Essai d'une description physique du monde. Tome Premier. Paris: Gide et J. Baudry, 1855.
- RECLUS, E. **Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes**. Paris: Hachette, 1866.
- RECLUS, E. **Examen Religieux et Philosophique du Principe de L'autorité**. Thèse (Bachelier em Théologie). Strasbourg: Faculté de Théologie Protestante de Strasbourg, 1851.
- RECLUS, E. **La Terre**: description des phénomènes de la vie du globe. Vol. II. L'Océan – L'Atmosphère – La Vie. Paris: Hachette, 1869.
- RECLUS, E. **Voyage à la Sierra-Nevada de Saint-Marthe**: paysages de la nature tropicale. Paris: Hachette, 1861.
- RITTER, K. **Géographie Générale comparée, ou étude de la Terre**. Dans ses rapports avec la nature et avec l'histoire de l'homme. Bruxelles: Société Typographique Belge, 1832.